

Que interesses são atendidos pelos BRICS?

IMMANUEL WALLERSTEIN

Em 2001, Jim O'Neill, então presidente da Gestão de Ativos do Goldman Sachs, escreveu um artigo para seus assinantes intitulado "O Mundo Precisa de Melhores BRICS Econômicos". O'Neill foi o inventor do acrônimo que denomina as assim-chamadas economias emergentes do Brasil, Rússia, Índia e China e os recomendou a investidores como o "futuro" econômico da economia mundial.

O termo se consolidou, e o BRICS se tornou um grupo de fato, que se reúne regularmente e, mais tarde, recebeu a África do Sul como membro, mudando o "s" minúsculo para "S" maiúsculo. Desde 2001, o BRICS cresceu economicamente, pelo menos em relação a outros Estados no sistema-mundo. Ele também se tornou um assunto bastante controverso. Há aqueles que pensam no BRICS como a *avant-garde* da luta anti-imperialista; e há aqueles que, muito pelo contrário, os enxergam como agentes subimperialistas do verdadeiro Norte (América do Norte, Europa Ocidental e Japão). Há ainda aqueles segundo os quais os BRICS são ambos.

Na esteira do declínio pós-hegemônico do poder, prestígio e da autoridade estadunidenses, o mundo parece ter se organizado em uma estrutura geopolítica multipolar. Na atual situação, com oito, dez e doze significantes potências políticas, os BRICS são, definitivamente, parte do novo cenário. Mediante seus esforços para forjar novas estruturas no cenário mundial, tal como a estrutura intrabancária, sentar-se lado a lado e substituir o Fundo Monetário Internacional (FMI), certamente estão enfraquecendo ainda mais o poder dos Estados Unidos em outros segmentos do antigo Norte em favor do Sul ou, pelo menos, dos próprios BRICS. Se a definição de

IMMANUEL WALLERSTEIN

Fundador da teoria do Sistema-Mundo, atua na Universidade de Yale.
immanuel.wallerstein@yale.edu

ARTIGO ORIGINALMENTE

PUBLICADO EM INGLÊS NO BLOG DO AUTOR
(<[HTTP://WWW.IWALLERSTEIN.COM/INTERESTS-SERVED-BRICS/](http://www.iwallerstein.com/interests-served-brics/)>).

anti-imperialismo é a redução do poder dos Estados Unidos, então o BRICS certamente representam uma força anti-imperialista.

Contudo, a geopolítica não é o único assunto que importa. Nós também queremos saber algo a respeito das lutas de classes dentro dos países componentes do BRICS, das relações destes países uns com os outros, e a respeito da relação dos países que formam o BRICS com aqueles que não fazem parte dele no Sul. Nestes três assuntos, o histórico dos BRICS é sombrio, para dizer o mínimo.

Como podemos avaliar as lutas de classes dentro dos países do BRICS? Uma forma comum é observar o grau de polarização, como indicado pelo coeficiente Gini de desigualdade. Outra maneira é ver quanto dinheiro do Estado está sendo utilizado para diminuir o nível de pobreza nos estratos mais pobres. Dos cinco países integrantes do grupo BRICS, apenas o Brasil tem melhorado significativamente seus pontos em tais questões. Em alguns casos, a despeito de um aumento no PIB, os índices são piores do que, digamos, vinte anos atrás.

Se observarmos as relações dos países do BRICS uns com os outros, a China supera os demais no crescimento do PIB e em recursos acumulados. Enquanto a Índia e a Rússia parecem sentir a necessidade de se proteger contra a força da China, o Brasil e a África do Sul parecem estar sofrendo com o atual e potencial investimento chinês em áreas fundamentais.

Se olharmos para as relações dos países do BRICS com outros países do Sul, ouviremos crescentes afirmações de que a forma como cada um desses países se relaciona com seus vizinhos próximos (e não tão próximos) se assemelha muito com as maneiras como os Estados Unidos e o antigo Norte se relacionam com eles. Algumas vezes, os países do BRICS são acusados não de serem apenas subimperiais, mas simplesmente “imperiais”.

O que faz o BRICS parecer tão importante atualmente têm sido suas altas taxas de crescimento desde, digamos, 2000. Taxas de crescimento significativamente mais altas do que aquelas do antigo Norte. Contudo, será que este crescimento terá continuidade? Suas taxas de crescimento já começaram a cair. Alguns outros países do Sul – México, Indonésia, Coreia do Sul), Turquia – parecem capazes de alcançá-los.

No entanto, em virtude da depressão mundial ainda em curso e da baixa probabilidade de uma recuperação significativa na próxima década, a possibilidade de que, em uma década, um futuro analista do Goldman Sachs continue a projetar os BRICS como o futuro (da economia) é, pelo menos, duvidosa. Na verdade, a possibilidade de que os BRICS continuem como um grupo que se reúne regularmente com políticas presumivelmente comuns parece remota.

A crise estrutural do sistema-mundo se move muito rápido, e em direções muito diferentes para se assumir uma estabilidade relativa suficiente para garantir aos BRICS, tais como são, continuarem a exercer um papel especial, seja geopolítica – ou economicamente. Da mesma forma que a própria globalização como um conceito, os BRICS podem acabar se tornando um fenômeno passageiro.

Tradução: Camila Alves da Costa

REFERÊNCIAS

GENTLE, L. The Root of all Evil? The Dollar, the BRICS and South Africa. **Deccan Chronicle**, 29 de março de 2012.

LADWIG, W. Why BRICS has no force. **Indian Express**, 28 de março de 2012.